



# **CAMINHOS PARA UMA SOCIEDADE MAIS INCLUSIVA**

Jenny Sousa, Carla Freire, Catarina Mangas  
(Coordenadoras)







**CAMINHOS PARA  
UMA SOCIEDADE  
MAIS INCLUSIVA**

## CAMINHOS PARA UMA SOCIEDADE MAIS INCLUSIVA

### COORDENADORES

Jenny Sousa – CICS.NOVA – iACT / CI&DEI, ESECS, Politécnico de Leiria  
Carla Freire – CI&DEI, LIDA, ESECS, Politécnico de Leiria  
Catarina Mangas – CICS.NOVA – iACT / CI&DEI, ESECS, Politécnico de Leiria  
Todos os direitos reservados

### EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.  
Rua Fernandes Tomás, nºs 76-80, 3000-167 Coimbra  
Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901  
www.almedina.net • editora@almedina.net

### REVISÃO

Maria João Fonseca

Esta edição foi sujeita a revisão científica por pares

### DESIGN DE CAPA

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

### IMAGEM DA CAPA

Leonel Brites

### PAGINAÇÃO

João Jegundo

### IMPRESSÃO E ACABAMENTO

PENTAEDRO, LDA.

### DEPÓSITO LEGAL

492320/21

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto Refª UIDB/05507/2020. Agradecemos adicionalmente ao Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI) e ao Politécnico de Leiria pelo apoio prestado.



Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.



GRUPOALMEDINA

---

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

### CAMINHOS PARA UMA SOCIEDADE MAIS INCLUSIVA

Caminhos para uma sociedade mais inclusiva / coord.

Jenny Sousa, Carla Freire, Catarina Mangas

ISBN 978-972-40-9848-7

I – SOUSA, Jenny

II – FREIRE, Carla

III – MANGAS, Catarina, 1982-

CDU 316



# **CAMINHOS PARA UMA SOCIEDADE MAIS INCLUSIVA**

Jenny Sousa, Carla Freire, Catarina Mangas  
(Coordenadoras)



## ÍNDICE

ESTIMULAÇÃO MULTISSENSORIAL PARA POTENCIALIZAR A MEMÓRIA DE PESSOAS NA ADULTEZ AVANÇADA COM TRAÇOS DE DECLÍNIO COGNITIVO .....	11
ACESSIBILIDADE TEXTUAL E TERMINOLÓGICA PARA ADULTOS DE ESCOLARIDADE LIMITADA NO BRASIL.....	33
LIVROS EM MULTIFORMATO E MULTISSENSORIAL E SEUS RECURSOS INCLUSIVOS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.....	53
LIVRO INFANTIL MULTIFORMATO .....	75
ESCRIVÃES DA CORTE DE TERMINOLOGIAS E MODISMOS: O FOCO É INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE NA PRÁTICA!.....	95
LITERATURA INFANTIL INDÍGENA: KUBAI, O ENCANTADO .....	117
DESIGN PARTICIPATIVO COM MIGRANTES E DOCENTES DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	135
“OS CIDADÃOS QUEREM SER INFORMADOS”: ESTUDO DE CASO SOBRE O PAPEL DO DESIGN NO ACESSO E USO DE DADOS ABERTOS DO GOVERNO.....	157

RELAÇÃO DO DESIGN COM A PARTICIPAÇÃO CÍVICA DIGITAL PARA PESSOAS COM DIVERSIDADES FUNCIONAIS: ESTUDO EXPLORATÓRIO .....	181
A PRESTAÇÃO SOCIAL PARA A INCLUSÃO COMO CONCRETIZAÇÃO DOS DIREITOS SOCIAIS DOS CIDADÃOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA .....	205
OS MEIOS EXTRAJUDICIAIS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS NO QUADRO DO DIREITO DE ACESSO À JUSTIÇA: AS (100) “REGRAS DE BRASÍLIA” E A CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA .....	223
TRAZER BRAGANÇA PARA O MAPA DA ACESSIBILIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO MUSEU DO ABADE DE BAÇAL E NO MUSEU DA TERRA DE MIRANDA .....	251
OS VISITANTES SENIORES NOS CENTROS DE INTERPRETAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DE UMA COMUNICAÇÃO ACESSÍVEL .....	271
TURISMO E ACESSIBILIDADE: ANÁLISE DAS PESQUISAS DESENVOLVIDAS NO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA .....	297
O DIREITO À EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE NA PANDEMIA: AÇÕES DO PROJETO “COMUNICAR SEM BARREIRAS EM TEMPOS DE COVID-19” .....	309
LÍNGUA GESTUAL E CINEMA DE ANIMAÇÃO — CRUZAMENTO DE ARTE E CULTURA EM PROL DA INCLUSÃO .....	331

# TRAZER BRAGANÇA PARA O MAPA DA ACESSIBILIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO MUSEU DO ABADE DE BAÇAL E NO MUSEU DA TERRA DE MIRANDA

*Ingrid Freitas*

Universidade de Vigo, Espanha & Instituto Politécnico de Bragança, Portugal.  
ingridfreitas94@hotmail.com

*Sarah Almeida*

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal. sarahalmeidamoraes@gmail.com

*Cláudia Martins*

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal, CLLC-UA, CEAUL-GI6. claudiam@ipb.pt

**Resumo:** O direito ao acesso e à participação ativa de todos é garantido no artigo n.º 27 da Declaração Internacional de Direitos Humanos de 1948. Para a ONU, a definição de acessibilidade é o processo de conseguir a igualdade de oportunidades em todas as esferas da sociedade (online). Dodd e Sandell (1998) e Sasaki (2005) classificam esta ideia em diferentes dimensões para além da acessibilidade física, como a informativa, a cultural, a financeira, a emocional, a intelectual e a sensorial (Dodd & Sandell, 1998), e a arquitetónica, a comunicacional, a metodológica, a instrumental, a programática e a atitudinal (Sasaki, 2005), a serem consideradas em projetos de acessibilidade. Atualmente, a Tradução Audiovisual e as suas modalidades dispõem de recursos que promovem a mediação cultural e, conseqüentemente, a inclusão e a acessibilidade. Um dos principais objetivos do projeto é «trazer» o distrito de Bragança para o mapa da acessibilidade, par-

tualmente no contexto museológico. Assim, descreveremos as fases seguidas na construção dos textos com audiodescrição e em linguagem simples, no Museu da Terra de Miranda, em Miranda do Douro, e no Museu do Abade de Baçal, em Bragança. Paralelamente, refletiremos sobre os pontos fortes dos projetos, as dificuldades mais prementes e as estratégias utilizadas para as ultrapassar.

**Palavras-chave:** comunicação acessível; acessibilidade museológica; linguagem simples; audiodescrição; tradução intersemiótica.

**Abstract:** The right to the access and active participation is guaranteed in article no. 27 of the International Declaration of Human Rights from 1948. According to the UN, the definition of accessibility is the process by which one achieves equal opportunities in all dimensions of social life (online). Dodd and Sandell (1998) and Sasaki (2005) organise this concept around different dimensions that surpass the physical one, such as the informative, the cultural, the financial, the emotional, the intellectual and the sensorial (Dodd & Sandell, 1998), and the architectural, the communicational, the methodological, the instrumental, the programmatic and the attitudinal (Sasaki, 2005), all essential when working in accessibility projects. Presently, Audiovisual Translation and its modes use resources that promote cultural mediation and, ultimately, inclusion and accessibility. This project aimed at “putting” the district of Bragança on the map of accessibility, especially for museums. This paper intends to report on the different stages followed in this project, namely in the construction of the texts with audiodescription and in plain language, at the Museum of Miranda, in Miranda do Douro, and the Museum of the Abbot of Baçal, in Bragança. We also wish to reflect upon the strengths of the project, the most notorious difficulties and the strategies used to overcome them.

**Keywords:** accessible communication; museum accessibility; plain language; audiodescription; intersemiotic translation.

## Introdução

A necessidade de fomentar espaços acessíveis encontra-se consubstanciada no discurso outorgado através do artigo n.º 27 da Declaração Inter-

nacional de Direitos Humanos (DUDH) de 1948, onde se sublinha que «todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios» (DUDH, 1948, online). Neste sentido, as preocupações de acessibilidade não se podem centrar somente nas dimensões mais básicas da vida em sociedade, mas antes abranger a plenitude da vida social, incluindo a fruição cultural e de lazer.

A operacionalização de projetos de acessibilidade pode partir de áreas científicas e enquadramentos teórico-metodológicos distintos, ainda que complementares, sendo a multidisciplinaridade assumida como a abordagem preferencial. No caso do nosso projeto, partimos do contexto da Tradução Audiovisual (TAV), em particular a TAV Acessível (ou *Media Accessibility*, de acordo com Romero-Fresco, 2018, e Greco, 2018), considerando igualmente contributos dos Estudos da Deficiência e da Museologia.

Relativamente à TAV, as suas diferentes modalidades desempenham um papel importante no que se refere à mediação cultural, transcendendo o conceito tradicional de tradução ‘palavra por palavra’ para um mais abrangente proposto por Gambier (2003) de ‘*transadaptation*’, ou seja, a tradução é necessariamente acompanhada por um esforço de adaptação, por exemplo, mais evidente na modalidade de legendagem. De facto, um clássico dos Estudos de Tradução, Roman Jakobson (2004 [1959]), propõe três tipos de tradução, entre os quais a *tradução intersemiótica*, a personificação ideal da TAV, uma vez que este autor previa e aceitava a ‘transmutação’ ocorrida de um sistema semiótico para outro.

Ainda que uma disciplina recente, cuja afirmação data dos anos 90 do século XX, esta sempre foi permeável a questões socioculturais que se encontram contempladas por diferentes modalidades de TAV, especialmente a legendagem para surdos ou ensurdecidos (LSE) ou a audiodescrição para pessoas cegas e com baixa visão (AD), daí que muitos autores (e.g. Romero-Fresco, 2018, ou Neves, 2020) encarem o tradutor de TAV como um agente facilitador para as pessoas com deficiência sensorial, seja ela visual seja auditiva.

Partindo da abordagem acima explanada, iremos expor a forma como este projeto de acessibilidade foi desenvolvido em dois espaços museológicos, a saber o Museu do Abade de Baçal (MAB), em Bragança, e da Terra

de Miranda (MTM), em Miranda do Douro. Incidiremos igualmente sobre a descrição dos espaços museológicos em causa, das etapas que compuseram este processo de implementação de recursos acessíveis, bem como os obstáculos encontrados ao longo do desenvolvimento do projeto. Todas estas questões serão alvo da nossa reflexão crítica, de forma a que possamos retirar conclusões válidas para a realização de futuros projetos de natureza similar.

Este trabalho encontra-se dividido em três partes, abordando, em primeiro plano, questões teóricas que compreendem os princípios da TAV e as suas modalidades de mediação cultural, explorando a audiodescrição museológica e a linguagem simples. A segunda parte pretende refletir acerca das práticas que desenvolvemos no projeto no âmbito do «Verão com Ciência» (uma iniciativa financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pela Direção-Geral do Ensino Superior) que objetivou implementar ferramentas que promovessem a acessibilidade nas instituições mencionadas. Nessa segunda parte, apresentaremos a metodologia adotada para implementação deste projeto e, na terceira, teremos uma breve discussão sobre os resultados.

### **Mediação cultural e tradução audiovisual**

O conceito de acessibilidade restringiu-se, até há bem pouco tempo, ao contexto físico, priorizando pessoas com mobilidade reduzida e, consequentemente, excluindo outros grupos minoritários. Esta tendência é notória em numerosos documentos oficiais, mas foi com o novo milénio que se verificou a concretização paradigmática já iniciada na última década do século XX, ou seja, do modelo biopsicossocial da deficiência ou modelo social, segundo o qual o ser humano é uma composição de diferentes dimensões biológicas, mas também, e acima de tudo, sociais e psicológicas que devem ser tomadas em consideração aquando de projetos e ações de acessibilidade.

No entanto, apesar desta obsessão pela dimensão física, autores como Dodd e Sandell (1998) e Sasaki (2005) já mencionam a existência de outras dimensões para além das questões que abrangem a acessibilidade física. Estas são, de acordo com Dodd e Sandell (1998), as barreiras ao acesso à informação, ao acesso cultural, financeiro, emocional, intelectual e sensorial, e à tomada de decisões, enquanto, para Sasaki (2005), os obstáculos

abranchem a acessibilidade arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal. Esta multiplicidade de dimensões a considerar, incluir e operacionalizar sustenta a necessidade de uma abordagem multidisciplinar em qualquer um destes projetos, dos quais os públicos-alvo não devem ser excluídos, na linha do mote «Nada sobre mim, sem mim», utilizado, em 1993, por Michael Masutha e William Rowland do *Disabled People South Africa* (Charlton, 2000).

No contexto português, convém referir um dos primeiros guias relativos à acessibilidade em museus, «Temas de Museologia — Acessibilidade e Museus» de Colwell e Mendes (2004). De acordo com os autores, as instituições museológicas têm a necessidade de prover o acesso à cultura por parte do público com características específicas. Desta forma, devem «melhorar o acesso à Cultura, aos Museus e suas coleções, por parte dos visitantes com necessidades especiais, constitui objetivo essencial por todos partilhado» (Colwell & Mendes, 2004, p. 5), propondo o guia estratégias e boas práticas, a fim de que o acesso aos museus seja inclusivo, respeitando as particularidades das pessoas com deficiência sensorial, cognitiva, entre outras.

Num outro guia mais recente, designado «Guia de Boas Práticas de Acessibilidade, Comunicação Inclusiva em Monumentos, Palácios e Museus» de Garcia, Mineiro e Neves (2017), as estratégias abordadas permeiam o campo da comunicação acessível e inclusiva, a fim de proporcionar o pleno acesso às exposições, em museus ou outros espaços culturais, aos públicos com deficiência sensorial, cognitiva ou mesmo públicos em que há especificidades linguísticas, culturais, económicas ou sociais.

À vista disso, a TAV pode desempenhar um papel relevante na implementação de projetos de acessibilidade em contexto museológico, especialmente porque pode assumir-se como uma ferramenta de mediação cultural, assegurando a inclusão de pessoas com deficiência sensorial em espaços culturais, através das suas modalidades de acessibilidade, como a LSE ou a AD. Contudo, a ideia de que estas modalidades se dirigem somente a grupos minoritários é altamente restritiva, podendo (e devendo) a implementação de recursos de AD assumir um caráter pedagógico e ser adoptado por outros públicos. Desta forma, podemos contemplar com AD, para além de pessoas com deficiência visual, indivíduos que tenham deficiência cognitiva, pessoas

com baixa literacia, entre outros, ocorrendo o mesmo com outros recursos de acessibilidade.

Neste sentido, a TAV desempenha um papel fundamental no contexto da acessibilidade informativa, cultural e sensorial, por se relacionar com produtos multimédia, tanto no domínio visual, quanto no auditivo. É neste âmbito que o conceito de intersemioticidade e, em última instância, de multidimensionalidade, já previsto por Jakobson (2004 [1959]), assume a sua plenitude. As modalidades de TAV possibilitam a transmutação do sistema auditivo não verbal para o visual verbal, por meio da LSE, assim como do sistema visual não verbal para o auditivo verbal, no caso da AD.

De seguida, iremos explicitar em maior pormenor a modalidade de AD e a sua pertinência na acessibilidade museológica, assim como explorar a importância da utilização de linguagem simples não só nos materiais informativos, como na própria narrativa dos museus e instituições afins.

### **Audiodescrição**

Tal como já foi acima referido, a audiodescrição é uma das modalidades de acessibilidade fomentadas pela TAV que tem por objetivo incluir uma descrição/narração em produtos audiovisuais, como em filmes, séries, documentários e novelas, ou em espaços culturais (e.g. museus, teatros, espetáculos musicais e eventos desportivos), de forma a que estes possam ser apreendidos e fruídos primordialmente pelas pessoas com deficiência visual. Este recurso desempenha um papel fundamental no que tange à mediação, seja no âmbito cultural ou social, estabelecendo um intermédio entre o contexto verbal e o visual.

A AD pode ser apresentada num áudio pré-gravado (como no caso dos filmes) ou ao vivo (tal como ocorre em espetáculos ao vivo) e tem como público-alvo pessoas com deficiência visual, seja ela perda parcial ou total de visão. Entretanto, este recurso pode ser usufruído por todas as pessoas, por exemplo, indivíduos que tenham deficiência cognitiva, pessoas com baixa literacia ou diferentes níveis de informação, especialistas e não-especialistas de arte, ou seja, visitantes comuns, crianças e académicos de estudos artísticos. Torna-se fundamental desestigmatizar a AD como sendo

exclusivamente direcionada para este grupo com deficiência visual, encorajando a sua utilização por todos os indivíduos. Veja-se a opinião de Snyder (2008), para quem as técnicas de AD não só incentivam a acessibilidade e a inclusão, mas também ajudam a desenvolver visitas aos museus que se podem tornar experiências mais expressivas, apaixonantes e imaginativas, em última instância, significativas para todos.

Desta forma, a AD surge como um dos exemplos perfeitos de tradução intersemiótica, na linha de Jakobson (2004 [1959]). Esta é caracterizada por Motta e Romeu (2010) como «uma atividade de mediação linguística (...) que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar» (Motta & Romeu, 2010, p. 11), os quais acrescentam que «além das pessoas com deficiência visual, a AD amplia também o entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos» (*ibidem*). Por outro lado, Neves (2011) descreve a AD como a «a arte de traduzir, através de uma narrativa descritiva ou outras técnicas verbais, mensagens visuais não perceptíveis apenas através dos sinais acústicos presentes em textos (áudio)visuais (...) a arte de descrever imagens, objetos, realidades com valor comunicativo essencialmente visualista» (Neves, 2011, p. 13).

No âmbito museológico, assim como no cinema, a AD deve seguir normas, recomendações e princípios para a sua elaboração, daí que Neves (2011) afirme que «a estratégia e o estilo de AD serão ditados pela natureza da imagem e a função comunicativa da mesma no contexto em que se encontra. Uma imagem que necessite de audiodescrição raramente aparece descontextualizada» (Neves, 2011, p. 29). Neves (2011) refere ainda que «audiodescrição museológica será condicionada por fatores como a missão do museu, o tipo de acervo (pintura, escultura, artefactos, ...), a filosofia do museu e a dinâmica da sua relação com o meio e com os visitantes» (Neves, 2011, p. 26) e reforça que «a audiodescrição de imagens estáticas obedece aos cânones da audiodescrição em termos genéricos e permite uma pluralidade de abordagens» (Neves, 2011, p. 29).

Não obstante a sua relevância indiscutível no contexto português, o guia de AD de Neves (2011) contempla essencialmente a AD filmica, tal como a norma britânica *ITC Guidance on Standards for Audiodescription* (2000), que enumera algumas diretrizes a serem consideradas aquando do processo

de criação dos roteiros, tais como a importância da utilização dos verbos no tempo presente, o evitar, sempre que possível, a repetição de palavras e o uso de pronomes pessoais, assim como as interpretações subjetivas e condescendentes, e priorizar as informações transmitidas.

Por consequência, devem mencionar-se outras normas e recomendações para a elaboração de AD em museus, nomeadamente as orientações de *Art Beyond Sight* (Axel *et al.*, 1996), que continuam a ser internacionalmente reconhecidas e aplicadas, da UNE (2005), da *Audio Description Coalition* (2009) e do projeto europeu *Audio Description: Lifelong Access for the Blind* (ADLAB). Todas estas orientações foram sistematizadas por Martins (2015), na sua tese de doutoramento onde, para além das necessárias referências à informação básicas, aos contextos histórico e artístico (estilo, movimento), à convocação de outros sentidos, à orientação espacial ou aos materiais táteis, se incluíram outros aspectos, como a sonoplastia, a estrutura sintática, a duração e extensão.

Em suma, um texto de AD museológica deve não só descrever os elementos visuais não apreendidos pelas pessoas com deficiência visual, utilizando uma linguagem acessível, mas vívida, imaginativa e sucinta, mas também criar uma narrativa da obra em causa e do espaço que o recebe, de forma que a instituição ofereça uma história aos visitantes que possa tornar a sua experiência significativa e memorável, potencialmente convidativa a novas visitas.

## **Linguagem simples**

O conceito de linguagem simples não aparece explicitamente associado à TAV, apesar de estar pressuposto na LSE assim como na AD, principalmente na museologia. A título de exemplo, nas recomendações da *Art Beyond Sight* (1996) para a AD museológica, refere-se a necessidade de usar uma linguagem simples, isenta de tecnicismos ou palavras opacas que impeçam a compreensão textual, da mesma forma que na LSE a linguagem a ser usada deve ser fácil e sem complexidade sintática e lexical.

Assim, linguagem simples surge referenciada em diversos guias os quais não somente apresentam técnicas para a composição de um texto em escrita

clara como também o fundamentam como uma ferramenta de acessibilidade. De entre os guias, destaca-se o *Lectura fácil: Métodos de redacción y evaluación*, de García Munõz (2013). Segundo o autor, a capacidade leitora é viabilizada através de três competências básicas, a saber, a linguística, a cognitiva e a comunicativa; para ele, quando ocorre uma limitação em alguma delas, isto pode causar um prejuízo direto à captação da mensagem através da escrita. Desta forma, a leitura fácil surge como uma ferramenta que permite adaptar os textos a uma forma escrita mais simples, com o objetivo de facilitar a compreensão àquelas pessoas que não possuem o hábito da leitura ou que foram privadas em alguma altura da sua vida de fazê-lo, ou até mesmo aquelas que têm deficiência.

Para García Munõz (2013), o acesso à informação, cultura e literatura é um direito fundamental e, para assegurá-lo, é necessário ter ferramentas que promovam a igualdade de acesso a tal direito entre todos indivíduos. Portanto, a leitura fácil pretende ser uma solução facilitadora para este acesso à informação.

Por outro lado, o guia *Redigir com clareza*, da Comissão Europeia (2015), surgiu da necessidade de ter uma redação clara em todos tipos de documentos oficiais da CE, a fim de serem mais explícitos e, assim, proporcionarem melhor compreensão, uma vez que dois dos problemas mais frequentes eram a reciclagem de textos sem adaptação e o célebre «corta-cola». Esta necessidade conduziu à elaboração de um guia de carácter não obrigatório que ressalta três justificações para redigir com clareza: trabalhar em conjunto de forma mais eficaz; evitar mal-entendidos; dispor favoravelmente o leitor.

Este guia faz-se ainda acompanhar de uma metodologia simples nomeada de «método das 7 perguntas», direcionada e aplicável a quase todos textos não literários. Este método consiste numa forma estruturada de seleção de informação pertinente, através de respostas objetivas a sete perguntas (semelhante à estrutura da pirâmide invertida das notícias): 1. O quê? — a mensagem fundamental; 2. Quem? — as partes interessadas; 3. Quando? — dias, horas, calendários, prazos; 4. Onde? — locais; 5. Como? — circunstâncias, explicações; 6. Porquê? — causas e/ou objetivos; 7. Quanto? — valores calculados e dados mensuráveis.

Com base neste método das sete perguntas, pode estabelecer-se uma analogia com a AD, especialmente na necessidade de priorizar as informações,

apresentando-se sempre os aspectos mais relevantes, como o quê (ação), quem (intervenientes), onde (espaço) e quando (tempo), para só depois se passar à inserção de elementos menos necessários e eventualmente dispensáveis para uma compreensão mais básica.

O guia *Federal Plain Language Guidelines* (PLAIN, 2011) foi elaborado nos meados da década de 90 do século XX e é atualizado e revisto regularmente por uma comunidade de funcionários públicos que mantém uma rede de informação e ações direcionadas para a linguagem clara, a fim de atrair a atenção do público-alvo e levar, de facto, a mensagem a ser transmitida. Para estes agentes, os cidadãos têm o direito a comunicações claras por parte do governo.

Segundo este guia, antes de se começar a redigir um texto, é fundamental conhecer quem são os indivíduos que constituem o público-alvo e a informação que eles pretendem obter, isto é, realizar o exercício reflexivo de se colocar no lugar do próximo, pensando nele e escrevendo para ele. Elenca, portanto, uma série de regras gramaticais (sintáticas e de coerência e coesão) e de estilos a serem adotados para alcançar um texto com linguagem clara, promovendo a informação de forma igualitária, dirigida a todos cidadãos.

Por fim, é importante mencionar novamente o *Guia de Boas Práticas de Acessibilidade sobre Comunicação Inclusiva em Monumentos, Palácios e Museus*, de Garcia, Mineiro e Neves (2017), segundo o qual:

A linguagem ou escrita simples está na base de todas as estratégias de comunicação. A técnica da escrita simples é utilizada para apresentar conteúdos de forma clara e de fácil compreensão, usando uma linguagem próxima da linguagem falada sem que, com isso, se minimize a carga informativa ou se desvirtue o rigor científico dos conteúdos. (Garcia, Mineiro & Neves, 2017, p. 39)

As autoras apresentam, neste guia, uma síntese dos conceitos que estão na base desta abordagem à comunicação, elencando os produtos essenciais para promover maior diversidade de oferta e estruturando os posteriores processos necessários para o desenvolvimento de cada um destes produtos. Ressaltamos que estas boas práticas podem ser adaptadas a qualquer espaço cultural que se queira abrir a novos públicos, garantindo, desta forma, a todos indivíduos o acesso a estes espaços.

Com esta secção, pretendemos explicitar o modo como a AD, assim como o recurso à linguagem simples, transversal a diversas modalidades de TAV, se conjugam para contribuir e facilitar a concretização de projetos de acessibilidade em contexto de museus. Na próxima secção, detalharemos o processo de implementação destes recursos e a forma como se conjugam de forma harmoniosa e coerente.

### **Projeto «Verão com Ciência»**

Os projetos de acessibilidade desenvolvidos no MAB e no MTM foram integrados e financiados pelo «Verão com Ciência», ação promovida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia em colaboração com a Direção Geral do Ensino Superior. Os projetos tinham como objetivo promover e implementar diferentes recursos de acessibilidade compreendidos por uma abordagem mais abrangente da Tradução Audiovisual para o contexto museológico, assim como pela área atualmente designada como *Media Accessibility*. Desta forma, pretendia-se trazer o distrito de Bragança para o mapa da acessibilidade, não só divulgando os recursos para a inclusão na região, como também potenciando o acesso à cultura e à informação da população local e visitantes nacionais e estrangeiros.

Nestes espaços museológicos pretendeu-se implementar recursos que promovam a comunicação acessível para pessoas cegas ou com baixa visão através da AD e para pessoas surdas ou ensurdecidas, com baixa literacia ou crianças, por meio de textos com linguagem simples e, por fim, proceder à tradução dos textos das duas tipologias de visitas para línguas estrangeiras, nomeadamente para o inglês e para o espanhol, cujos públicos-alvo serão os visitantes estrangeiros, turistas e eventualmente imigrantes.

No entanto, apesar dos públicos preferenciais destes recursos, não podemos negligenciar as potencialidades que estes encerram, visto que podem também ser usufruídos pelo comum visitante nacional, por especialistas e não-especialistas de arte, história, e outras áreas concomitantes, crianças e académicos de estudos artísticos, entre outros.

De seguida, explicitaremos a metodologia que seguimos no nosso trabalho, assim como discutiremos aspectos merecedores de destaque aquando da implementação destes projetos.

## Metodologia de trabalho

O projeto foi desenvolvido com base na metodologia de investigação-ação, isto é, onde o foco está no agir, com o intuito de mudar o atual estado de um determinado objeto de estudo, assim como na pesquisa, para compreender os problemas inerentes, conforme Bogucki (2015) salienta. Segundo ele, a investigação-ação é um processo contínuo em que o investigador trabalha num assunto específico e frequentemente encontra, à medida que avança na sua pesquisa, novas questões não previstas para pesquisar e solucionar.

Também Neves (2015) destaca as características da investigação-ação, a saber, planeamento, implementação, reflexão a partir desta implementação e reinício deste ciclo dentro do projeto como um contínuo. Ela pontua que este ciclo pode, inclusive, desencadear novos projetos e pesquisas. Por fim, em Cravo e Neves (2007), as autoras discorrem acerca da investigação-ação e a possibilidade da sua aplicabilidade na área dos Estudos da Tradução, em particular da TAV.

Desta forma, para desenvolver este trabalho estão a ser elaboradas visitas audiodescritas, a fim de proporcionar o acesso das pessoas cegas ou com baixa visão aos espaços museológicos em causa e aos respetivos recursos. Entretanto, através destas visitas, é possível abranger outros públicos, tal como já foi mencionado.

Para além disto, os textos construídos para os museus estão a ser adaptados para linguagem simples, de forma a torná-los mais próximos da realidade linguística e/ou cognitiva dos visitantes. Com este recurso, elimina-se qualquer tipo de jargão e linguagem rebuscada ou técnica, a fim de disponibilizar textos de leitura fácil para pessoas surdas, ensurdecidas, crianças e pessoas com baixa literacia, entre outros. Com estas duas abordagens, cumpre-se eliminar a barreira da acessibilidade sensorial, assim como os obstáculos comunicacionais, informativos e culturais, na linha de Dodd e Sandell (1988) e Sasaki (2005), patente também na tradução dos textos das visitas para inglês e para espanhol com vista ao público estrangeiro, assim como imigrantes, entre outros.

Além da criação destes textos, este projeto compreende obrigatoriamente etapas de validação por parte dos responsáveis pelos respetivos museus,

assim como a validação pelos grupos de controle, nomeadamente com pessoas cegas ou com baixa visão e com surdos e ensurdecidos. Após a estabilização dos textos, com a integração das críticas apontadas, daremos início à fase mais técnica do projeto que passa pela sonorização dos textos em contexto de estúdio (nas instalações do IPB), com base na utilização de talentos de voz entre alunos voluntários. Depois da edição e respetiva sonoplastia das gravações, com a inclusão de efeitos sonoros e música, fase esta também desempenhada por alunos voluntários, estaremos prontos para armazenar a visita total num espaço virtual e disponibilizá-la, através de um código QR, nos espaços museológicos em causa e nas respetivas páginas *web*.

No que se refere aos textos em linguagem simples, estes serão impressos em letra ampliada e disponibilizados em livros ou roteiros pelas instituições, ponderando-se ainda a possibilidade de virem a ser utilizados para a realização de guias em formato vídeo, com interpretação em Língua Gestual Portuguesa. Este, contudo, terá de ser um projeto independente e com posterior financiamento.

Por fim, estes projetos não poderiam estar concluídos sem que fossem pensadas breves sessões de formação para os funcionários destes museus, através das quais pretendemos não só sensibilizá-los para as questões da diversidade funcional, linguística e cultural, mas também informá-los em profundidade sobre os recursos criados, as especificidades técnicas e as potencialidades que estes oferecem para diferentes públicos. Paralelamente, é nosso objetivo realizar ações de divulgação dos recursos criados e implementados para que um maior número de visitantes possa deles usufruir, assim como sensibilizar outras instituições para replicarem experiências afins.

## **Discussão do projeto**

Apesar de os projetos se encontrarem em avançada fase de desenvolvimento, ainda não foram terminados. Ainda se encontram por concluir as fases mais técnicas, assim como as visitas de validação que prevemos virem a ser das mais profícuas para o trabalho e para a reflexão constante da

investigação-ação. Assim, apresentam-se de seguida algumas das principais reflexões coligidas até ao momento da redação do artigo.

Por se tratar de um museu etnográfico situado na cidade de Miranda do Douro, o Museu da Terra de Miranda (Figura 1) tem como função contar a história e cultura do povo mirandês. Diante disto, encontram-se numerosos casos de terminologia regional presentes nas descrições dos objetos e atividades específicos daquela região que identificamos como um obstáculo a ser ultrapassado.

**Figura 1.** Museu da Terra de Miranda



*Fonte:* página Direção Regional da Cultura do Norte, *online*.

Segundo os guias acima apresentados, para se oferecer um texto claro, objetivo e não ambíguo, devem eliminar-se todos os «ruídos», ou seja, as características linguísticas que possam impedir o leitor ou ouvinte de entender a totalidade de um texto, neste caso, a descrição de uma atividade, traje ou peça. Um texto escrito de forma mais simples expande a possibilidade de um maior número de indivíduos o compreender. Com este intuito, afigura-se necessário, não somente pelo aspecto linguístico, mas também pelas questões sociais, proceder à pesquisa de terminologia e consulta técnica para conseguir compreender o que tais termos expressam e «traduzi-los», com o intuito de eliminar qualquer dúvida. Não obstante, neste caso,

optou-se por manter a expressão original acompanhada de um equivalente em linguagem não regional e uma explicação ou paráfrase. Atente-se nos seguintes exemplos: «aguilhada» ou vara para animais; «medas» ou molhos de palha em forma cônica.

Um outro exemplo encontrou-se na sala da tecelagem do MTM, onde está exposto um tear de madeira original (Figura 2), ocupando a quase totalidade da sala. Nele, podem perceber-se inúmeras peças com nomenclatura e funções específicas. Para além dos termos técnicos, devem também ter-se em consideração os regionalismos presentes que tiveram de ser alvo de ‘tradução’.

**Figura 2.** Tear original da Sala da Tecelagem



*Fonte:* Ingrid Freitas, 2020.

Na sala «Espaço do Traje» (Figura 3), deparamo-nos com uma outra questão que foi a ordem da audiodescrição dos trajes dos caretos usados nas festas de inverno aqui apresentados. Depois da identificação da nossa dificuldade na organização da informação descrita, uma das etapas com maior grau de complexidade, realizámos a devida pesquisa e consultámos especialistas, tendo concluído que não havia uma padronização na literatura. Neste sentido, com base nos nossos conhecimentos prévios de AD, foi necessário refletir sobre o que descrever primeiro que se afigurou como um exercício enriquecedor. Assim, se para uma pessoa normovisual, o que se destaca nestes trajes são os acessórios de natureza jocosa, para, depois, se aperceber da vestimenta externa, da interna e dos calçados, então a nossa conclusão foi que esta seria a nossa opção. Este exercício de assimilação feito quase instintivamente pareceu-nos uma escolha adequada.

No caso dos trajes, tomou-se a decisão de utilizar esta ordem nas descrições, partindo do que mais se destaca para o que menos se destaca, com o

objetivo de proporcionar elementos que permitam ao ouvinte criar a imagem mental destes caretos e dos seus trajes, o mais similar à experiência de uma pessoa normovisual.

**Figura 3.** Sala do Traje



*Fonte:* Ingrid Freitas, 2020.

No que se refere ao MAB (Figura 4), este apresenta-se como um museu de história, antropologia e arte, entre outras áreas, que recebe o nome do seu grande mentor o Abade de Baçal, Francisco Manuel Alves. Foi esta figura que recolheu e colecionou um elevado número de peças que constituem o fundo original do museu, assim como também o dirigiu durante alguns anos.

**Figura 4.** Museu do Abade de Baçal



*Fonte:* página da Direção Geral do Património Cultural, *online*.

Para além das visitas audiodescritas e dos textos em linguagem simples, foi necessário proceder à simplificação de um conjunto de textos de sala, que serão colocados nas paredes das várias salas do museu e que servem para fornecer uma breve contextualização aos visitantes. Nestes textos, o desafio foi torná-los acessíveis ao leitor, independentemente da instrução, grau de conhecimento ou especialização, isto é, sem um grupo-alvo em mente. Desta forma, optou-se por usar estratégias da linguagem simples, de natureza lexical e sintática, que permitissem «traduzir» os textos, aproximando-os potencialmente de qualquer público. Este processo não esvazia os textos dos seus significados originais, mas torna-os acessíveis, uma vez que onde outrora se encontravam jargão e termos técnicos, encontram-se agora palavras mais simples que transmitem a ideia original.

Um bom exemplo deste processo foi a alternativa encontrada para a palavra «numismática»: «coleção de moedas» foi selecionada como uma paráfrase possível, o que trouxe, junto a outras escolhas igualmente importantes, fluidez ao referido texto de parede do MAB. Outra estratégia foi a manutenção da ordem direta de sujeito-verbo-complementos para construir tal fluidez, já que nos textos originais a ordem inversa tinha sido usada como recurso de erudição. Adicionalmente, a mudança de construções adverbiais como «estende-se cronologicamente desde» para «abrange o período de» também foi utilizada.

Como ressaltado previamente, o objetivo destes recursos é ampliar o público destes espaços não só por meio da AD, da «tradução» das imagens em narrativas e descrições, como também através da linguagem simples, adaptando o conteúdo dos textos para torná-los mais fáceis e agradáveis de ler. A conjugação destes recursos proporcionará um ambiente mais inclusivo, onde um maior número de pessoas poderá usufruir do que os museus têm para contar.

## **Conclusões**

Neste trabalho, pretendemos apresentar os contributos que a TAV pode aportar ao desenvolvimento de projetos de acessibilidade em contexto de museus. Através da apresentação e descrição dos projetos desenvolvidos no

âmbito dos Museu do Abade de Baçal e do Museu da Terra de Miranda, no contexto do programa «Verão com Ciência» 2020 (FCT & DGES), demonstramos como a audiodescrição e a linguagem simples foram conjugadas para criar visitas direcionadas para pessoas com deficiência sensorial, isto é, visual e auditiva. Não obstante a sua função dedicada a estes grupos minoritários, estes recursos podem ser utilizados com sucesso por outros grupos de visitantes, como idosos, crianças, pessoas com baixa literacia, com outras deficiências, turistas, imigrantes, entre outros.

A par da explicitação do respetivo enquadramento teórico, focamos igualmente na nossa metodologia de trabalho que se centrou na investigação-ação, através da qual podemos identificar obstáculos não previstos atempadamente para os solucionarmos depois das respetivas pesquisas e enquanto desenvolvíamos os referidos projetos. Foram ilustração disto os exemplos que descrevemos sobre a Sala da Tecelagem e do Traje do MTM.

Relativamente ao faseamento dos projetos, somente a fase da elaboração dos textos com AD e em linguagem simples está completa, o que significa que a fase de validação com os responsáveis pelos museus e os grupos de controlo ainda poderá contribuir positivamente para a melhoria dos textos. Somente após esta fase poderemos enveredar pelas fases mais técnicas, desde a sonorização dos textos à sua conversão num código QR e, finalmente, à formação dos atores destes espaços museológicos e à divulgação dos recursos.

Como conclusão, estes projetos tiveram por objetivo não só «trazer» Bragança para o mapa nacional da acessibilidade, região esta periférica, mas também fornecer recursos dedicados às pessoas com deficiência sensorial que acreditamos serem de potencialidades inegáveis para quaisquer outros visitantes, desde as crianças aos turistas.

## Referências bibliográficas

Audio Description: Lifelong Access for the Blind (ADLAB). (2014). *Pictures painted in Words: ADLAB Audio Description Guidelines*. URL: <http://www.adlabproject.eu/Docs/adlab%20book/index.html>

- Axel, E. S., Hooper, V., Kardoulias, T., Keyes, S. S. & Rosenberg, F. (1996). *Art Beyond Sight's Guidelines for Verbal Description Adapted from Making Visual Art Accessible to People Who Are Blind and Visually Impaired*, *Art Education for the Blind*. URL: <http://www.artbeyondsight.org/handbook/acs-guidelines.shtml>
- Bogucki, L. (2015). *Areas and Methods of Audiovisual Translation Research*. Suíça: Peter Lang Edition.
- Charlton, J. (2000). *Nothing about us without us — Disability oppression and empowerment*. Berkeley/ Los Angeles/ Londres: University of California Press.
- Colwell, P. & Mendes, E. (2004). *Temas de Museologia: Museus e Acessibilidade*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Comissão Europeia (EC) (2015). *Redigir com clareza*. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia.
- Cravo, A. & Neves, J. (2007). *Action Research in Translation Studies. The Journal of Specialised Translation*, 7, pp. 92–107. URL: [https://jostrans.org/issue07/art\\_cravo.php](https://jostrans.org/issue07/art_cravo.php)
- Direção Geral do Património Cultural. *Museu do Abade de Baçal*. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-do-abade-de-bacal/>
- Direção Regional da Cultura do Norte. *Museu da Terra de Miranda*. <https://www.culturannorte.gov.pt/patrimonio/museu-da-terra-de-miranda/>
- Dodd, J. & Sandell, R. (1998). *Building Bridges: Guidance for museums and galleries to develop new audiences*. Londres: Museums and Galleries Commission.
- Gambier, Y. (2003). *Introduction. Screen Transadaptation: Perception and Reception* In Y. Gambier (Ed.), *The Translator — Studies in Intercultural Communication (Special Issue — Screen Translation)*, 9(2), pp. 171–189. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Garcia, A., Mineiro, C. & Neves, J. (2017). *Guia de Boas Práticas de Acessibilidade, Comunicação Inclusiva em Monumentos, Palácios e Museus*. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural (DGPC) & Instituto do Turismo de Portugal. URL: [http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicos/acessibilidade/guiacomunica\\_caoacessivel\\_inclusiva.pdf](http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicos/acessibilidade/guiacomunica_caoacessivel_inclusiva.pdf)
- García Muñoz, O. (2013). *Lectura fácil: Métodos de redacción y evaluación*. Real Patronato sobre Discapacidad, Ministerio de Sanidad y Servicios Sociales.
- Greco, G. M. (2018). *The nature of accessibility studies*. *Journal of Audiovisual Translation*, 1(1), pp. 205–232.

- Independent Television Commission (ITC). *ITC Guidance on Standards for Audio Description*. URL: [http://www.ofcom.org.uk/static/archive/itc/uploads/ITC\\_Guidance\\_On\\_Standards\\_for\\_Audio\\_Description.doc](http://www.ofcom.org.uk/static/archive/itc/uploads/ITC_Guidance_On_Standards_for_Audio_Description.doc)
- Jakobson, R. (2004 [1959]). *On linguistic aspects of translation*. In L. Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader*. Londres & Nova Iorque: Routledge.
- Martins, C. (2015). *Longe da vista, perto da imaginação — análise de audioguias em museus portugueses*. Tese de doutoramento não publicada. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Motta, L. & Romeu, P. (2010). *Audiodescrição — Transformando imagens em palavras*. Secretaria de Estados dos Direitos das Pessoas com Deficiência & Governo do Estado de São Paulo.
- Neves, J. (2016). *Action Research: so much to account for*. In Y. Gambier & S. Ramos Pinto (Ed.), *Target*, 28(2), pp. 237–247. Amesterdão: John Benjamins.
- Neves, J. (2011). *Imagens que se ouvem — Guia de Audiodescrição*. Leiria: Instituto Nacional para a Reabilitação & Instituto Politécnico de Leiria.
- Organização das Nações Unidas (ONU). (2007). *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiências*. URL: <http://www.ministeriopublico.pt/instrumento/convencao-sobre-os-direitos-das-pessoas-com-deficiencia>
- Plain Language Action and Information Network (PLAIN) (2011). *Federal Plain Language Guidelines*. United States. URL: <https://www.plainlanguage.gov/media/FederalPLGuidelines.pdf>
- Romero-Fresco, P. (2018). *In support of a wide notion of media accessibility: Access to content and access to creation*. *Journal of Audiovisual Translation* 1(1), pp. 187–204.
- Sasaki, K. R. (2005). *Inclusão: o paradigma do século 21. Inclusão — Revista de Educação Especial*. URL: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revis-tainclusao1.pdf>
- Snyder, J. (2008). Audio Description. *The Visual Made Verbal*. In Jorge Diaz-Cintas (Ed.), *The Didactics of Audiovisual Translation* (pp. 191–198). Amesterdão & Filadélfia: John Benjamins Publishing.